

PERFIL CORRIGIDO É ALICERCE PARA ALTAS PRODUTIVIDADES

Vinícius Benites - Pesquisador da Embrapa Solos

Após o sobe e desce dos preços de commodities e insumos agrícolas em 2008, o mercado parece ter encontrado um novo ponto de equilíbrio. Embora o valor pago pelos principais fertilizantes utilizados na agricultura brasileira esteja atualmente próximo dos preços que existiam antes do início do enchimento da bolha, observa-se uma leve tendência de alta, sendo que os valores atuais se estabilizaram pouco acima dos preços históricos.

Essa condição não é homogênea para todos os fertilizantes. Os potássicos, representados basicamente pelo cloreto de potássio, são atualmente comercializados a valores bem superiores a sua média histórica.

É justamente em relação aos fertilizantes potássicos nosso maior gargalo. Importamos mais de 90% de todo o fertilizante potássico que consumimos na agricultura brasileira. Mesmo com todos nossos recordes de produção agrícola, somos apenas o 4o consumidor mundial de fertilizantes, sendo que a China e a Índia são os dois primeiros, consumindo volumes de oito a dez vezes mais que o Brasil.

A diferença básica é que nesses países a agricultura é prioridade estratégica nacional e os fertilizantes recebem fortes subsídios do governo, chegando ao produtor final a preços bastante atraentes. No Brasil, em outro extremo, os fertilizantes importados passam por uma série de obstáculos de logística, e em cada etapa desse processo agrega-se um custo a mais para compor o preço final ao produtor.

Demanda

A demanda por fertilizantes e corretivos será elevada. Existem reservas mundiais suficientes para atender as demandas mundiais para esse século, mas, como em todo processo exploratório, primeiro são consumidas as reservas de mais fácil exploração e beneficiamento. Ficam para depois as porções mais complicadas da reserva, cujo custo de exploração e beneficiamento vai ficando cada vez mais alto.

Em outras palavras, a reserva de fertilizantes baratos deve acabar antes de reserva total de fertilizantes. Além disso, nesse meio tempo podem ocorrer oscilações de preços internacionais, como vimos ano passado, e novos picos são esperados.

Não se trata de uma correria desenfreada para a aquisição imediata de fertilizantes para fazer estoques. Aliás, quem fez isso em 2008, com medo de aumentos ainda mais significativos, teve grandes prejuízos. O momento é para pensar na organização dos sistemas produtivos e da construção ou reforma dos alicerces. As palavras de ordem são diagnóstico, planejamento e eficiência.

Eficiência do Uso de Fertilizantes

Apesar de toda a fragilidade brasileira em relação ao balanço de nutrientes para a agricultura e das fortes pressões de preço observadas nos últimos anos, o uso desses insumos na agricultura brasileira ainda apresenta uma baixa eficiência. Por eficiência do uso de fertilizantes entende-se a relação entre nutriente aplicado e nutriente utilizado pela planta.

Em sistemas de produção mal manejados, observa-se com frequência o uso inapropriado de fertilizantes, levando ao desperdício e baixa eficiência. Por outro lado, em sistemas como o plantio direto, a utilização de plantas de cobertura recicladoras, o perfeito controle da erosão e a aplicação de fertilizantes com precisão permite ganhos significativos de eficiência e essas práticas podem ser o fiel da balança.

Temos no Brasil duas situações bem distintas. De um lado estão os produtores de alto nível tecnológico e com acesso a recursos financeiros, que conseguem elevadas produtividades, mas trabalham com baixa eficiência no uso de fertilizantes. Para esse grupo as boas práticas passam pela otimização do uso de fertilizantes e práticas de manejo que permitam redução das perdas. De outro lado estão os produtores de menor tecnologia, que obtêm produtividades muito abaixo da média nacional e que utilizam muito pouco fertilizante nos seus sistemas de produção. Para esse grupo a estratégia deve ser o incentivo ao uso de corretivos e fertilizantes para a correção da fertilidade, por meio de linhas de crédito (que já existem) e de um forte programa de extensão rural, promovendo a elevação da produtividade.

Fertilidade do Solo é Fundamental

Para que se possa iniciar um sistema de produção de grãos, fibras e carne de forma sustentável é necessário que se faça previamente um diagnóstico do perfil de fertilidade do solo, observando-se os níveis de todos os nutrientes, tanto na camada superficial como na subsuperficial.

Após o diagnóstico, devem ser recomendadas práticas de correção da fertilidade, por meio de uso de corretivos da acidez e de fertilizantes, quando os níveis de fertilidade do solo se encontrarem abaixo dos patamares críticos estabelecidos para as culturas de interesse comercial.

Essa prática deve anteceder qualquer recomendação de adubação, sob o risco de obtermos, em solos não corrigidos, baixas produtividades e, principalmente, baixa eficiência no uso de fertilizantes.

Plantio Direto como Solução

As áreas atualmente classificadas como de pastagens degradadas apresentam um nível de fertilidade muito baixo se comparadas a áreas sob a produção de grãos. O primeiro passo para a correção delas é o uso de calcário e gesso.

A relação entre o consumo de calcário e fertilizantes no Brasil reduziu drasticamente nas últimas décadas. Um dos fatores relacionados a essa redução foi a forte expansão na adoção do plantio direto, quando o produtor parou de arar e gradear anualmente seu solo, reduzindo a aplicação de calcário.

Contudo, em áreas de baixa fertilidade a aplicação de calcário deve anteceder a utilização de fertilizantes. Em outras palavras, cada real investido em aplicação de calcário em um solo de baixa fertilidade resulta em um ganho muito superior ao mesmo investimento em fertilizantes nessas mesmas áreas sem correção.

Existem linhas de crédito do governo para a correção de solos, mas esses mecanismos não estão sendo adotados pelo produtor.

Problemas Continuam

Outro problema sério é a fertilidade do subsolo. Virou prática comum em várias regiões do Brasil a coleta de camadas de solos cada vez mais superficiais para a análise da fertilidade. Com isso, a fertilidade abaixo de 20cm é totalmente desconsiderada.

O que acontece é que em muitas situações está havendo uma forte concentração de nutrientes nas camadas superficiais. A fertilidade ali é tão baixa e os níveis de alumínio tóxico são tão altos que as raízes não conseguem se desenvolver. O resultado é uma concentração de raízes na camada superficial e um maior risco ao stress hídrico.

Um veranico causa enormes prejuízos em um sistema cujas raízes estão concentradas nas camadas superficiais. Basta ver a situação do Rio Grande do Sul nas últimas safras para compreender isso.

Logo, administrar a fertilidade do solo não é apenas administrar custos, mas também é administrar riscos.